

**O CLUBE DA  
MEIA-NOITE**

CHRISTOPHER PIKE

*O CLUBE DA  
MEIA-NOITE*

Tradução  
Tully B. Ehlers de Oliveira



Principis

Published by arrangement with Simon Pulse,  
An imprint of Simon & Schuster Children's Publishing Division  
Text copyright © 1994 by Christopher Pike  
Originally published in 1994 by Archway Paperbacks

© 2022 desta edição:

Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural

Título original <i>The Midnight Club</i>	Produção editorial Ciranda Cultural
Texto Christopher Pike	Diagramação Linea Editora
Editora Michele de Souza Barbosa	Revisão Fernanda R. Braga Simon
Tradução Tully B. Ehlers de Oliveira	Design de capa Ana Dobón
Preparação Flávia Máira de Araújo Gonçalves	Ilustração de capa Vicente Mendonça

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

P635c	Pike, Christopher
	O Clube da Meia-noite / Christopher Pike; traduzido por Tully B. Ehlers de Oliveira. - Jandira, SP: Principis, 2022. 192 p. ; 15,50cm x 22,60cm.
	Título original: The Midnight Club ISBN: 978-65-5552-690-5
	1. Literatura estrangeira 2. Jovens. 3. Ação. 4. Aventura. 5. Suspense. 6. Sobrenatural. 7. Terror. I. Oliveira, Tully B. Ehlers de. II. Título.
2022-0694	CDD 810 CDU 821.111

**Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803**

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura estrangeira - Americana : 810
2. Literatura estrangeira - Americana : 821.111

1ª edição em 2022

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

*Para Ilonka*



## CAPÍTULO 1

Ilonka Pawluk se olhou no espelho e decidiu que não parecia alguém que iria morrer. Seu rosto estava delgado, é verdade, assim como o resto de seu corpo, mas seus olhos azuis estavam brilhantes, o longo cabelo castanho estava vistoso, e o sorriso era branco e jovial. Isso era algo que sempre fazia quando se olhava no espelho: abria um sorriso, não importava o quanto se sentia mal. Um sorriso era fácil. De fato, era apenas um reflexo, especialmente quando estava sozinha e sentindo-se deprimida. Mas até mesmo seus sentimentos podiam mudar, Ilonka concluiu, e hoje ela estava determinada a ser feliz. Em sua mente surgiu o antigo clichê: “Hoje é o primeiro dia do resto da minha vida”.

Mesmo assim, havia alguns fatos que Ilonka não podia ignorar.

As longas e vistosas madeixas castanhas eram na verdade uma peruca. Meses de quimioterapia acabaram com os últimos fios de seu próprio cabelo. Ela ainda estava muito doente, isso era verdade, e era possível que *hoje* fosse uma *grande* parte do resto de sua vida. Mas Ilonka não se demoraria nesse pensamento, pois isso não ajudaria em nada. Tinha que se

concentrar apenas no que ajudaria. Esse era o adágio pelo qual pautava sua vida agora. Ilonka pegou um copo de água e um punhado de comprimidos de ervas e os colocou todos na boca. Atrás dela, Anya Zimmerman suspirou. Ela era colega de quarto de Ilonka, e era uma moça doente, se é que já houve um algum dia. Anya falou enquanto Ilonka engolia a meia dúzia de comprimidos.

– Não sei como você consegue engolir todos ao mesmo tempo – comentou. – Eu vomitaria tudo em um minuto.

Ilonka terminou de engolir os comprimidos e arrotou silenciosamente.

– Eles descem mais facilmente do que uma agulha no braço.

– Mas uma agulha traz resultados imediatos.

Anya gostava de medicamentos, de narcóticos fortes. Ela tinha direito a usá-los, pois sofria constantemente com dores insuportáveis. Anya Zimmerman tinha câncer nos ossos. Seis meses antes, teve a perna direita amputada na altura do joelho, para impedir a propagação do câncer. Mas foi em vão.

Ilonka se olhou no espelho enquanto Anya se ajeitava na cama, tentando ficar mais confortável. Anya fazia isso com frequência, mexendo-se para cá e para lá, mas nada do que fazia poderia tirá-la de seu corpo, e esse era o problema. Ilonka largou o copo e se virou. Ela já podia sentir as ervas queimar no fundo da garganta.

– Acho que as ervas estão funcionando. Me sinto melhor hoje do que tenho me sentido em semanas.

Anya fungou. Ela tinha um constante resfriado. Seu sistema imunológico estava abalado, um efeito colateral comum da quimioterapia e um problema frequente para os “hóspedes” da Clínica Rotterham.

– Você está horrível! – disse Anya.

Ilonka se sentiu ofendida; isso não era novidade, mas ela sabia que não podia levar o comentário de Anya para o lado pessoal. Ela tinha uma

personalidade rude. Ilonka com frequência se perguntava se era a dor que falava, e pensava como gostaria de ter conhecido Anya antes da doença.

– MUITÍSSIMO obrigada – respondeu Ilonka.

– Quero dizer, se comparada com a Miss Barbie Bronzeada, lá do mundo real – Anya acrescentou rapidamente. – Mas, se comparada a mim, obviamente você está ótima... de verdade – Anya bufou. – Quem sou eu para dizer qualquer coisa, hein? Me desculpe.

Ilonka fez que sim com a cabeça.

– Eu realmente me sinto melhor.

Anya deu de ombros, como se sentir-se melhor não fosse algo tão bom. Como se sentir qualquer coisa que não fosse estar próximo da morte fosse apenas adiar o inevitável. Mas resolveu deixar para lá, abrindo uma gaveta de sua mesinha para pegar um livro. Não, não apenas um livro: era uma Bíblia. Anya, a malvadona, estava lendo a Bíblia.

No dia anterior, Ilonka tinha perguntado para a amiga o que a fazia ler a Bíblia, e Anya riu, dizendo que precisava de leituras leves. Quem sabia o que Anya realmente pensava? As histórias que ela contava quando se encontravam à meia-noite geralmente eram sombrias e macabras. De fato, tais histórias causaram muitos pesadelos a Ilonka, e era difícil dormir ao lado da pessoa que acabara de explicar como Suzy Q estripou Robbie Right. Anya sempre usava nomes como esses em suas histórias.

– Eu me sinto dormente – Anya disse.

Obviamente era uma mentira, pois ela devia estar sentindo dor, apesar dos dez gramas diários de morfina. Anya abriu sua Bíblia de forma aleatória e começou a ler. Ilonka se levantou silenciosamente e a observou durante um minuto.

– Você é cristã? – Ilonka indagou finalmente.

– Não, eu estou morrendo – Anya afirmou, virando a página. – Pessoas mortas não têm religião.

– Gostaria que você conversasse comigo.

– Eu estou conversando com você. Consigo falar e ler ao mesmo tempo. – Anya parou e olhou para cima. – Sobre o que quer conversar? Sobre o Kevin?

Ilonka sentiu algo preso em sua garganta.

– O que tem o Kevin?

Anya sorriu, algo sinistro em seu rosto cadavérico. Anya era bonita: cabelos loiros, olhos azuis, uma estrutura óssea delicada, mas muito magra. Na verdade, exceto pelo cabelo escuro de Ilonka (seu cabelo fora escuro), elas até que se pareciam. Mesmo assim, o azul dos olhos das duas jovens brilhava com luzes opostas, ou talvez o olhar de Anya não exibia brilho algum. Havia uma frieza em Anya que ia além de suas feições. Havia a dor, as pequenas linhas ao redor dos olhos, a tensão em sua boca, mas também havia algo profundo, algo quase enterrado, que queimava sem calor dentro dela. Ainda assim, Ilonka gostava de Anya, importava-se com ela. Mas não conseguia confiar nela.

– Você está apaixonada por ele – afirmou Anya.

– O que levou você a dizer algo tão estúpido?

– O jeito que você olha para ele. Como se fosse abaixar as calças dele e levá-lo ao céu, se isso não matasse vocês dois.

Ilonka deu de ombros.

– Existem piores maneiras de se morrer.

Isso foi algo errado a se dizer para Anya. Ela voltou para sua Bíblia.

– É.

Ilonka chegou perto de Anya e inclinou-se na cama.

– Eu não estou apaixonada por ele. Não estou em condições de me apaixonar por ninguém.

Anya concordou e grunhiu.

– Eu não quero vê-la repetir uma coisa dessas. Especialmente para ele.

Anya virou uma página.

– O que quer que eu diga para ele?

– Nada.

– O que você vai dizer para ele?

– Nada.

Anya fechou o livro de repente. Seus olhos gélidos se inflamaram ao olhar para Ilonka. Ou talvez, subitamente, eles não pareciam estar tão frios.

– Você me disse que queria conversar, Ilonka. Eu entendi que queria discutir algo mais importante do que agulhas e ervas. Você *vive* em um estado de negação, o que é ruim, mas é muito pior morrer desse jeito. Você ama o Kevin, qualquer idiota consegue ver isso. O grupo inteiro sabe. Por que você não conta para ele?

Ilonka ficou perplexa, mas tentou agir com frieza.

– Ele é parte do grupo. Deve saber.

– Ele é tão estúpido quanto você. Não sabe de nada. Você deve contar a ele.

– Contar o quê? Ele tem namorada.

– A namorada dele é uma idiota.

– Você atribui esse insulto a muitas pessoas, Anya.

– Essa é a verdade sobre muitas pessoas – Anya deu de ombros e se virou. – Como quiser, eu não me importo. Isso não terá importância daqui a cem anos, ou mesmo daqui a cem dias.

Ilonka parecia magoada, e realmente estava.

– Os meus sentimentos são tão óbvios?

Anya olhou fixamente para fora da janela.

– Não, eu retiro o que disse. O grupo não sabe de nada. Eles são idiotas.

Eu sou a única que sabe.

– Como você descobriu?

Quando Anya não respondeu, Ilonka chegou ainda mais perto e se sentou na cama, perto da perna amputada de Anya. O coto estava coberto por uma grossa bandagem branca. Anya nunca deixava ninguém ver como estava, e Ilonka entendia. Anya era a única paciente da clínica que sabia que ela usava uma peruca. Ou era o que Ilonka esperava.

- Eu falo enquanto estou dormindo? – perguntou.
- Não – disse Anya, ainda focada na janela.
- Então você lê mentes?
- Não.
- Você já esteve apaixonada alguma vez?

Anya tremeu, mas parou rapidamente. Ela se virou para Ilonka. Seus olhos estavam calmos outra vez, ou talvez apenas frios.

- Quem me amaria, Ilonka? Estão faltando muitas partes do meu corpo.
- Ela alcançou sua Bíblia e disse, como que para pôr fim à conversa: – É melhor correr e pegar o Kevin, antes que a Kathy o faça. Ela está vindo hoje, sabe? Dia de visitas.

Ilonka se levantou sentindo-se triste, a despeito de seu recente voto de ficar feliz.

- Eu sei que dia é hoje – murmurou Ilonka e saiu do quarto.

A Clínica para Doentes Terminais Rotterham não parecia um hospital nem uma clínica, nem por dentro nem por fora. Até dez anos antes fora a mansão à beira-mar de um magnata do petróleo. Localizada no Estado de Washington, próxima à fronteira canadense, a mansão dava para uma extensão de praia irregular, onde as cortantes águas azuis eram sempre frias como o mês de dezembro e se chocavam como espuma branca contra as rochas irregulares, esperando com severa paciência para punir qualquer aspirante a nadador. Ilonka podia ouvir o bramido das ondas da janela de seu quarto, e muitas vezes sonhava com elas sonhos agradáveis e também perturbadores. Algumas vezes, as ondas a erguiam e a carregavam para

águas tranquilas e terras imaginárias, onde ela e Kevin podiam andar lado a lado com os corpos saudáveis. Ou então a fria espuma a agarrava e a empalava nas rochas, seu corpo se dividia em dois, e os peixes se alimentavam do que restava. Sim, ela culpou Anya por esses sonhos também.

Ainda assim, apesar dos pesadelos, Ilonka adorava estar perto do oceano e gostava muito mais da Clínica Rotterham do que do hospital onde o doutor White a encontrou apodrecendo. Doutor White era o médico que idealizou aquela clínica. Ele dizia que era um lugar para receber adolescentes enquanto se preparavam para a mudança de turma mais importante de suas vidas. Ela pensou que era uma ótima maneira de definir o lugar. Mas Ilonka fez o doutor White prometer que compraria para ela uma peruca antes que ela se permitisse ficar hospedada com outros trinta jovens doentes terminais.

Mas, é claro, ela não estava morrendo, não com certeza. Pelo menos não desde que tinha começado a cuidar bem de si mesma.

O quarto de Ilonka ficava no segundo andar – onde havia três quartos. No longo corredor por onde caminhou depois de deixar Anya, havia poucas evidências de que a mansão fora transformada em um local para atender doentes. As pinturas a óleo nas paredes, o esplêndido carpete cor de lavanda, até os lustres de cristal: ela podia estar apenas desfrutando da hospitalidade de “Tex” Adams, o homem que tinha deixado para o doutor White sua casa favorita. “Hospital e hospitalidade”, Ilonka meditou; contudo, as palavras eram praticamente primas. O cheiro de álcool que chegou ao seu nariz enquanto caminhava em direção à escada, o lampejo de cor branca abaixo dela que sinalizava o início da enfermaria e, acima de tudo, a *sensação* de doença no ar indicava para qualquer um que aquela não era uma casa feliz para os ricos e saudáveis. E sim um lugar triste para os jovens e pobres. A maior parte dos pacientes do doutor White vinha de hospitais públicos.

Só o Kevin que não: os pais dele tinham dinheiro.

Quando estava descendo as escadas, Ilonka se encontrou por acaso com outro membro do “Clube da Meia-noite”, como nomearam o clube. Spencer Haywood, ou simplesmente “Spence”, como gostava de ser chamado, era o paciente mais saudável da clínica (depois dela, é claro), embora tivesse câncer no cérebro. A maior parte dos hóspedes de Rotterham passava seus dias na cama, ou ao menos em seus quartos, mas Spence estava sempre de pé e perambulando por ali. Ele era magro (na verdade, *todos* na clínica eram magros ou esqueléticos), tinha cabelos castanhos e ondulados e um daqueles sorrisos quase sempre debochados gravado em seu rosto. Ele era o grande piadista do grupo (todos os grupos precisavam de um), e sua energia era contagiante, mesmo para aqueles que viviam com analgésicos correndo em suas veias. O rosto de Spence era tão selvagem quanto suas histórias. Era rara uma noite em que uma dúzia de pessoas não era explodida em uma das histórias de Spencer Haywood. Ilonka adorava estar na companhia de Spence, pois ele nunca falava como se fosse morrer.

– Minha garota polonesa favorita – ele disse quando os dois pararam na escadaria, acima da enfermaria. Spence levava um envelope aberto na mão direita, uma folha coberta com caligrafia miúda na outra. – Eu estava procurando você.

– Você tem um amigo que quer me vender um seguro de vida – disse Ilonka.

Ele riu.

– Seguro de vida e de saúde. Ele é um idiota. Ei, como está hoje? Quer ir para o Havaí?

– Minhas malas estão prontas. Vamos. Como você está?

– Schratte acabou de me dar alguns gramas há vinte minutos, então não tenho certeza se ainda tenho uma cabeça nos meus ombros, o que é uma ótima sensação.

“Alguns gramas” eram dois gramas de morfina, o que era uma dose alta. Spence podia até conseguir andar por aí, mas sem remédios fortes ele tinha terríveis dores de cabeça. Schratte era a enfermeira chefe do turno diurno. Ela tinha um traseiro tão grande quanto a lua e mãos que tremiam como a costa da Califórnia em dia de ressaca. Quando Schratte aplicava a injeção, geralmente você precisava levar pontos no local. Ilonka indicou a carta com a cabeça.

– É da Caroline? – questionou.

Caroline era a namorada dedicada de Spence: a moça escrevia praticamente todos os dias. Com frequência, Spence lia as cartas dela no grupo, e a opinião deles era a de que Caroline devia ser a moça mais safada da Terra. Spence assentiu com entusiasmo.

– Existe a possibilidade de que ela venha me ver no mês que vem. Ela mora na Califórnia, sabe? Não pode custear um voo, mas ela acha que poderá tomar o trem.

Um mês era muito tempo na Clínica Rotterham. A maioria dos pacientes ficava internada menos de um mês antes de morrer. Mas Ilonka pensou que seria desagradável sugerir que a garota viesse mais cedo.

– Pelo que você nos contou sobre ela – comentou Ilonka –, você vai precisar de transfusões de todos os seus fluidos vitais depois da visita dela.

Spence sorriu com a perspectiva.

– É uma alegria ter que repor alguns fluidos. Ei, vou dizer por que queria falar com você. Kevin está procurando você.

O coração de Ilonka saltou, tão alto que quase fez uma aterrissagem forçada.

– Sério? – perguntou Ilonka de forma casual. – Para quê?

– Eu não sei. Ele me pediu que lhe desse a mensagem se eu a visse.

– Ele sabe o número do meu quarto; podia ter vindo me procurar.

– Acho que ele não está se sentindo muito bem hoje – Spence comentou.

– Ah... – Kevin não parecia bem na noite anterior. Ele tinha leucemia e tinha saído da remissão três vezes, que era o número de vezes que os médicos diziam ser possível. Três *strikes* e você está fora. Mas, assim como não conseguia imaginar a si mesma, Ilonka não conseguia imaginar Kevin morrendo. Não o seu Kevin. – Vou dar uma passada no quarto e ver o que ele quer – ela disse.

– Talvez seja melhor esperar até mais tarde – sugeriu Spence. – Eu acho que a namorada dele está lá agora. Você conhece a Kathy?

Agora o coração de Ilonka colidiu com o chão.

– Conheço a Kathy – ela murmurou.

Spence notou a mudança de tom. Anya estava errada: ninguém do Clube da Meia-noite era idiota, muito menos o Spence.

– Ela é uma cabeça oca, não acha? – ele perguntou. – Ela é líder de torcida.

– Não acho que as duas coisas sejam sempre sinônimos – Ilonka deu de ombros. – Ela é bonita.

– Não tão bonita quanto você.

– Isso nem é preciso dizer – ela fez uma pausa. – Você vai estar lá à noite?

– Como se tivesse uma dúzia de outros compromissos urgentes. Sim, tenho uma história de assassinato prontinha para a nossa reunião. Você vai adorar, é absolutamente repugnante. E você?

Ilonka continuou a pensar em Kevin, em Kathy e em si mesma.

– Eu tenho uma história para contar – ela disse baixinho.

Eles se despediram, e Ilonka continuou seu caminho. Mas, quando chegou ao pé da escada, virou-se na direção contrária à enfermaria, porque Schratter ia insistir para que ela tomasse algo mais forte. A única medicação que Ilonka usava para controlar a dor era Tylenol 3 – uma combinação de Tylenol e codeína, algo leve se comparado com o que os outros estavam tomando. Ilonka tinha dores praticamente contínuas, uma ardência

na parte inferior do abdome, uma cólica. Ela sentiu uma cólica se formar enquanto caminhava em direção ao quarto de Kevin, pensando em como seria vê-lo com *ela*.

Mas Kevin não estava no quarto que compartilhava com Spence. Não havia nada dele ali, exceto seis de suas pinturas, cenas de ficção científica de sistemas estelares em colapso e planetas com anéis girando por uma nebulosa perolada. O trabalho de Kevin era bom o bastante para estar na capa dos melhores romances de ficção científica fácil, fácil. Ilonka não sabia se ele havia pintado algo depois que viera para Rotterham. Não sabia se tinha trazido tinta ou mesmo o bloco de desenhos. Kevin não falava muito sobre sua arte, apesar de todos os outros concordarem que ele era um gênio.

Havia uma de suas pinturas, uma estrela azul em meio a um brumoso campo estelar, que chamou a atenção de Ilonka. Isso já tinha acontecido antes, nas poucas vezes que viera ao quarto de Kevin, e era estranho porque era o trabalho mais simples que ele havia pintado, mas, ainda assim, essa obra a enchia de... do quê? Ilonka nem mesmo tinha certeza de qual era a emoção; esperança, talvez. A estrela brilhava de uma forma encantadoramente azul, como se Kevin a tivesse pintado não com óleo, mas com sua própria luz.

Ilonka saiu do quarto de Kevin e se dirigiu à sala de espera, que ficava perto da entrada de Rotterham. Sabia que estava cometendo um erro, mas fora incapaz de se conter. Ela não queria ver Kathy (a própria ideia do encontro lhe causava certa angústia), mas ainda assim se sentiu compelida a encarar a moça novamente. Como que para ver por que Kevin preferia a líder de torcida a ela. Evidentemente era uma comparação ridícula, como comparar maçãs com laranjas. Kathy era saudável e bonita. Ilonka estava doente e... ora, bonita da mesma forma. Na verdade, Ilonka pensou, Kevin era um tolo. Não conseguia entender por que o amava tanto.

No entanto, sabia o porquê. Achava que sabia.

Tinha a ver com o passado. O passado antigo.

Ilonka encontrou Kathy sentada sozinha na sala de espera. A garota podia ter sido tirada da seção do jornal que tratava de roupas casuais de verão, mesmo vestida com roupas de inverno. O longo cabelo era tão loiro que seus antepassados devem ter migrado das praias da Califórnia. Ela provavelmente usava loção autobronzeadora para dormir. Sim, ela parecia saudável, tão fresca que parecia ter acabado de ser colhida de uma árvore no Condado de Orange. E o pior de tudo era que estava lendo um exemplar da *People*, uma revista semanal que Ilonka comparava com a bíblia satânica, por sua profundidade de percepção. Kathy olhou para cima e sorriu para ela com dentes que provavelmente nunca morderam algo que não fosse natural.

– Oi, eu sou Kathy Anderson – disse a jovem. – Eu não fui apresentada a você da última vez que estive aqui?

– Sim. Meu nome é Ilonka Pawluk.

Kathy deixou de lado a revista e cruzou as pernas cobertas com calças cinza que nunca foram vendidas em promoção. Os pais de Kathy tinham dinheiro também, Ilonka sabia. Além disso, a moça usava um grosso suéter verde cobrindo os seios fartos.

– Esse é um nome interessante – comentou ela. – Qual é a origem?

– “Ilonka” é um nome húngaro, mas minha mãe e meu pai são poloneses.

– Você nasceu na Polônia?

– Sim.

Kathy assentiu.

– Achei mesmo que você tinha um sotaque.

– Eu saí da Polônia quando tinha oito meses de idade.

O comentário foi feito para que Kathy se sentisse tola, mas a garota era tão desatenta que nem percebeu. Além disso, outras pessoas já comentaram que Ilonka *realmente tinha* um sotaque; algo compreensível, levando

em conta o fato de que a mãe, que já havia morrido, falava principalmente polonês em casa. Ilonka não conhecia o pai, que desaparecera antes que elas saíssem da Polônia.

– Onde você cresceu? – indagou Kathy.

– Seattle. Você é de Portland?

– Sim. Estudo na mesma escola que o Kevin – Kathy olhou ao redor. – Ele sabe que eu estou aqui?

– Acho que sim. Posso dar uma olhada se você quiser.

– Você faria isso, por favor? – Kathy estremeceu e desfez o semblante animado. – Eu admito que esse não é meu lugar preferido. Ficarei feliz quando Kevin estiver curado e puder voltar para casa.

Ilonka quase soltou uma gargalhada e teria rido se não estivesse tão próxima às lágrimas. Ela queria gritar com a garota. “Ele não vai para casa. Ele não é seu namorado. Ele pertence a nós agora. Nós somos os únicos amigos que ele realmente tem, os únicos que entendem o que ele está passando.”

“Ele pertence a mim.”

Mas Ilonka não disse nada, porque Kevin ficaria chateado.

– Espero que seja logo – disse Ilonka, virando-se para sair.

Foi nesse momento que Kevin entrou pela porta.

Quando olhava para Kevin, mesmo que o visse todos os dias, era sempre os olhos dele que lhe chamavam a atenção. Castanhos, grandes e redondos. Fortes, sem parecerem intimidadores. Resplandeciam humor e inteligência. O resto do corpo dele não estava tão ruim, ainda que parecesse muitíssimo doente. O cabelo era castanho e cacheado, tão macio quanto o de uma criança, apesar do toque acinzentado que tinha aparecido nas últimas duas semanas. Ilonka não sabia como o cabelo tinha aguentado os rigores da quimioterapia pela qual sabia que Kevin tinha passado. Mas talvez tivesse perdido o cabelo e ele tivesse crescido novamente. Ilonka nunca teve coragem de perguntar, pensando que atrairia a atenção para a sua peruca.

Até seis meses atrás, na primavera anterior, Kevin era um atleta de corrida, e tinha o porte físico para isso, ombros largos, pernas longas e firmes. Ilonka soube que ele ficou em terceiro na corrida do campeonato estadual, e, de vez em quando, Kevin falava sobre as Olimpíadas e sobre os grandes corredores que admirava. Ele também falava sobre pintores de que gostava: Da Vinci, Rafael e Van Gogh. O fato de Kevin ser um atleta e um pintor ao mesmo tempo a intrigava.

Ainda assim, esses dois fatos não eram a razão por que o amava. Esse sentimento estava relacionado com algo que não era possível ver, algo sobre o que não se podia nem mesmo falar, mas que, no entanto, talvez pudesse ser lembrado. Ilonka realmente tinha uma história interessante pronta para a reunião daquela noite do Clube da Meia-noite.

Ela se lembrava da primeira vez que viu Kevin. Ilonka estava na clínica há apenas dois dias quando ele chegou. Encontrou-o sentado na biblioteca, diante de um fogo ardente, envolto em um robe de flanela, encolhido numa poltrona, com um livro no colo. Ela não sabia naquele tempo, mas, na condição em que estava, Kevin era sensível ao frio. Spence, que dividia o quarto com ele, brincava muitas vezes dizendo que Kevin devia estar preparando os dois para o fogo dos infernos com a temperatura em que mantinha o quarto deles.

Enfim, Kevin olhou para cima quando ela entrou na sala, e Ilonka nunca se esqueceu da maneira como os olhos dele se fixaram no seu rosto, e como os olhos dela fizeram o mesmo. Eles devem ter-se encarado por um bom tempo antes que um dos dois falasse. Naquele momento, Ilonka encontrou e perdeu algo precioso, um amigo mais precioso que todas as pedras preciosas do mundo todo. “Encontrou” porque o amou à primeira vista; e “perdeu” porque estava claro que ele era um paciente e provavelmente iria morrer. Foi Kevin quem disse as primeiras palavras.

– Eu conheço você?

Ilonka sorriu.

– Sim.

Ela sorriu quando Kevin entrou agora na sala de espera. Ele usava o mesmo pijama de flanela (seu favorito) por baixo de um longo casaco azul. Estava também calçado com as botas pretas, e Ilonka temia que ele planejasse sair. O rosto dele estava macilento e muito pálido. Na noite anterior, quando lhe desejou boa-noite, Ilonka já ficara apreensiva de que não fosse vê-lo novamente. Contudo, nesse momento, Kevin parecia mais doente do que na noite anterior. Ele não sorriu como fazia normalmente quando a via; em vez disso, tossiu. Atrás de si, Ilonka ouviu Kathy se levantar.

– Ilonka, o que está fazendo aqui? – questionou Kevin. – Oi, Kathy.

– Kevin – disse Kathy com a voz tensa.

Era óbvio que o semblante de Kevin a deixou em estado de choque.

– Soube que você estava me procurando, e vim procurá-lo – respondeu Ilonka.

Ele avançou para dentro da sala; seus passos eram instáveis. Ilonka queria estender uma mão para ajudá-lo, mas não sabia como ele iria reagir, especialmente com Kathy por perto. Kevin era um rapaz de fácil convivência na maior parte do tempo, mas Ilonka tinha notado em algumas ocasiões que ele ficava desconfortável diante de situações embaraçosas.

– Eu queria tratar de algumas coisas com você, mas podemos conversar depois. – Kevin passou por ela e voltou sua atenção para Kathy, e o simples ato era como uma lança cravada no coração de Ilonka. – Como foi a viagem? – perguntou Kevin para a namorada.

Kathy forçou um sorriso, sem conseguir esconder o medo em seus olhos. Ela não era uma completa idiota, podia ver o quão doente ele estava. Ilonka parou por um momento, sentindo-se completamente deslocada. Ela observou enquanto eles se abraçavam, enquanto se beijavam. Kathy pegou Kevin pela mão e o guiou para a porta da frente. Foi nesse momento que

Ilonka quis correr atrás dele e fechar todo o zíper de seu casaco, ajeitar seu cachecol e contar a ele o quanto o amava, e perguntar por que ele não a amava e o que estava fazendo com essa garota que não o amava. Mas, em vez disso, saiu correndo da sala de espera.

Alguns minutos depois, Ilonka estava no extremo oposto da clínica, num quarto vazio e pequeno, que pode ter sido um quarto de bebê antes de a mansão ser transformada. Nesse lugar, as janelas estavam voltadas diretamente para o amplo gramado que levava ao penhasco do oceano. As ondas estavam furiosas hoje, a espuma respingava trinta pés de altura cada vez que uma onda batia nas rochas. Kathy e Kevin caminhavam de mãos dadas, com os cabelos balançando ao vento frio. Kevin parecia tão frágil que Ilonka pensou que ele poderia ser levado pelo vento.

– Se você deixar que ele se molhe, ele vai pegar uma pneumonia – ela murmurou. – Então ele vai morrer, e a culpa vai ser sua. – Depois acrescentou: – Vaca.

– Ilonka – disse uma voz atrás de si.

Ela se virou. Era o doutor White, seu benfeitor e diretor da clínica. O doutor White tinha um nome perfeito, porque seu bigode arrumado e a barba eram tão brancos quanto a primeira nevada, e seu rosto redondo e corado o fazia parecer um bondoso médico do interior de antigamente, ou como o próprio Papai Noel. Ele nunca vestia roupa branca, como a maioria dos médicos, mas usava ternos de lã escura, cinza ou azuis, e, para sair, um chapéu de *tweed*, que complementava a firme bengala de madeira, sem a qual não podia andar. O doutor White entrou mancando no aposento, sem chapéu, com a bengala na mão, e se sentou em uma cadeira que havia sido colocada ao pé da cama e que ocupava boa parte do quarto, suspirando de alívio enquanto se sentava. Sua perna direita estava gravemente artrítica. Contou para Ilonka que sofreu uma fratura quando era jovem, correndo dos touros em Pamplona. Ele tirou os óculos de armação dourada e indicou

para que Ilonka se sentasse na cama. A chegada do médico a assustara, e ela se perguntava se ele a tinha ouvido xingar Kathy. Ilonka se sentou.

– Como você está, Ilonka? – perguntou o médico.

O doutor White sempre a tratava com gentileza, fazendo o possível para lhe dar qualquer coisa de que ela precisasse. Com tantos pacientes sob seus cuidados, Ilonka não sabia por que merecia atenção especial, e ainda assim se sentia agradecida pelo carinho. No dia anterior, o doutor White tinha trazido para ela uma sacola com livros de um sebo de Seattle. Ele sabia o quanto ela gostava de ler.

– Estou me sentindo ótima – respondeu Ilonka, embora tivesse de lutar para manter a voz estável. A dor, causada pela visão de Kevin junto a Kathy, continuava a arder dentro dela, como um segundo câncer. – Como está o senhor, doutor White?

Ele pôs a bengala de lado.

– Eu estou como sempre: feliz por poder ajudar vocês, jovens, e frustrado por não poder ajudar mais. – O doutor White suspirou mais uma vez. – Estive no State<sup>1</sup>, em Seattle, e conheci uma garota da sua idade que poderia se beneficiar de uma estadia aqui. Mas tive de dispensá-la, pois não temos mais quartos.

– E este quarto? – Ilonka indagou.

– Vai haver duas novas camas aqui amanhã, e então, três novos pacientes para quem já prometi lugar. – Ele deu de ombros. – Mas é um problema recorrente, não quero incomodá-la com isso. – O doutor White fez uma pausa e limpou a garganta. – Vim aqui para conversar sobre o exame que você queria que eu marcasse para amanhã.

– Sim. O senhor marcou?

– Sim, está marcado. Mas estava pensando se quer mesmo passar por isso. Você sabe que esses exames de ressonância magnética demoram

<sup>1</sup> Washington State Hospital Association. (N.T.)

uma eternidade, e você tem que ficar confinada naqueles compartimentos estreitos.

Ilonka sentiu um nó garganta, acompanhado do desânimo de seu coração. Aquele não estava sendo um bom dia.

– Está sugerindo que o exame pode ser uma perda de tempo? Eu realmente estou me sentindo melhor. Acho que meus tumores estão definitivamente diminuindo de tamanho. Eu tenho tomado todas as ervas que pedi que o senhor conseguisse para mim: chaparral, trevo vermelho, pardo arco. Li todos os livros sobre as ervas, e elas funcionam em muitos casos, especialmente em tumores como o meu.

O doutor White hesitou antes de falar, embora seus olhos não deixassem o rosto de Ilonka. O médico estava acostumado a lidar com casos difíceis e não recuava ao confrontá-los diretamente. Na verdade, Ilonka estava quebrando o acordo fundamental da clínica ao pedir exames adicionais. Uma clínica de cuidados paliativos é um lugar para morrer com o maior conforto e dignidade possível, não é um hospital onde o doente vai esperando se recuperar. Doutor White havia dito isso a ela quando a trouxe para Rotterdam.

– Mas, Ilonka – disse o médico gentilmente –, o câncer já tinha se espalhado por uma extensa região do seu abdome antes que você começasse a usar as ervas. Ora, não estou rejeitando os tratamentos naturais; em muitos casos eles produziram resultados excelentes. Mas, nesses casos, as ervas quase sempre começaram a ser usadas quando a enfermidade estava nos estágios iniciais.

– *Quase* sempre – disse Ilonka, contestando –, não sempre.

– O corpo humano é o organismo mais complexo de toda a criação e nem sempre se comporta como o esperado. Mesmo assim, acho que o exame de amanhã vai ser um sofrimento desnecessário para você.

– O exame é caro? O senhor vai ter que pagar do seu bolso?

O doutor White moveu a mão.

– Eu fico feliz de pagar por qualquer coisa que a faça sentir-se melhor, Ilonka. Não estou levando em consideração o dinheiro, mas, sim, o seu bem-estar.

– Mas como você sabe que eu não estou melhor? Apenas eu sei como me sinto, e eu posso afirmar que os tumores encolheram.

Doutor White assentiu.

– Muito bem, deixe-me examiná-la.

– Agora? Aqui?

– A porta está fechada. Nós estamos sozinhos. Quero fazer um exame completo da área abdominal. Antes de você vir para cá, eu conseguia sentir os tumores com os dedos. Quero ver se ainda consigo senti-los. – O doutor White se levantou. – Por favor, levante a blusa e desabotoe a calça. Você pode se deitar na cama enquanto a examino.

Ilonka, relutantemente, pôs a mão no botão da calça.

– Mas esse vai ser um exame superficial. Precisamos ver por dentro, para saber o que realmente está acontecendo.

– Com certeza, mas ao menos teremos uma ideia. Venha, Ilonka, não vou machucá-la. Deite-se, e vamos ver o que temos aí.

Ilonka desabotoou a calça e levantou a blusa. Ela cuidadosamente se acomodou sobre a cama. Tinha perdido as forças dos músculos abdominais; sentia dor ao se deitar. O doutor White se sentou ao lado dela e a tocou perto do umbigo, os dedos do médico examinando minuciosamente. As mãos dele estavam cálidas – como sempre, ele tinha o toque curador –, mas o contato a fez enrijecer.

– Não tão forte – ela sussurrou.

– Eu praticamente não toquei em você – ele disse.

Ilonka respirou fundo.

– O senhor está certo, está tudo bem. Não dói tanto assim, nem um pouquinho.

– Mas a área está muito sensível. – Os dedos do médico examinaram mais para baixo, sobre as cicatrizes.

Ilonka tinha sido operada três vezes, e a última incisão ainda estava cicatrizando. Era como se os dedos estivessem raspando os nervos dela em carne viva.

– Distendi um músculo nessa região outro dia, eu acho.

– Quero pressionar um pouco aqui.

As mãos do doutor White estavam entre o umbigo de Ilonka e a genitália, bem embaixo da última cicatriz.

Ilonka estava suando.

– Precisa mesmo?

– Respire fundo e bem devagar.

– Ai!

– Desculpe. Eu machuquei você?

– Não, tudo bem. Como está?

– Tem muitos nódulos, e está muito rígido.

Ela forçou uma risada enquanto sentiu uma gota de transpiração cair no olho.

– O senhor não estaria nem um pouco melhor se lhe tivessem cortado tantas vezes quanto me cortaram.

O doutor White se levantou.

– Você pode vestir a calça.

O médico se virou de costas e voltou para a cadeira, mas não se sentou. Em vez disso, pegou a bengala e se apoiou nela. Esperou que Ilonka ajeitasse as roupas e, por fim, repetiu:

– A área está muito sensível.

– Mas o tecido muscular foi cortado e costurado muitas vezes. É natural que esteja sensível. O senhor realmente consegue distinguir entre um músculo nodoso e um tumor?

– Sim. Os tumores ainda estão aí, Ilonka.

Isso a fez recuar um passo, ou melhor, uns cem passos. Ilonka assentiu debilmente.

– Eu sei disso, não disse que não estavam. Estou apenas dizendo que estão menores, e eu acredito que uma ressonância magnética da região vai confirmar isso.

– Se você realmente sente que precisa do exame, vou levá-la ao hospital amanhã.

Ilonka o encarou.

– O senhor acha que será perda de tempo?

– Acho que será uma dificuldade desnecessária para você.

– Eu quero fazer o exame.

Ela olhou pela janela.

O doutor White não respondeu imediatamente. Ele também olhou para a janela, na direção onde Kathy e Kevin foram vistos caminhando. Os dois pombinhos não estavam à vista naquele momento, e Ilonka estava grata por isso. Ela olhou rapidamente para o doutor, que tinha em seu semblante um olhar distante.

– Eu já disse que você me lembra a minha filha? – comentou o doutor White.

– Não. Eu não sabia que o senhor tinha uma filha. Como ela se chama?

– Jessica. Jessie. – O médico bateu com a bengala no pé direito, como para forçar a si mesmo a voltar para o presente. – Virei buscar você às dez em ponto. Talvez possamos ir ao McDonald's depois do exame.

Ilonka não quis dizer a ele que estava evitando comer *fast-food*.

– Obrigada, isso seria ótimo.

Ele se virou.

– Adeus, Ilonka.

– Se cuide, doutor White.

Quando o médico saiu, Ilonka foi novamente até a janela procurar Kathy e Kevin. Era como se eles tivessem andado muito próximos à beira do penhasco, tivessem caído e sido arrastados pelo mar. Não conseguiu achar nenhum vestígio deles em lugar algum. No entanto, ela não estava realmente preocupada com a segurança deles. Kathy era jovem, bonita e rica. Ela tinha muito para viver e não se arriscaria desnecessariamente.

Ilonka voltou para o quarto. No caminho, parou na enfermaria e pediu que Schratte lhe desse Tylenol 3. Sentia dor no abdome, no local onde o doutor White tinha tocado. Tudo doía, especialmente sua alma. Schratte deu a ela meia dúzia de comprimidos e perguntou se não queria algo mais forte. Ilonka negou, porque ela não era como os outros: não precisava de drogas fortes. No entanto, quando estava no quarto, deitada na cama, não muito longe de Anya, que estava cochilando, Ilonka colocou os seis comprimidos na boca e os engoliu com um copo de água. Normalmente, ela tomava apenas dois por vez. Os comprimidos demoraram de vinte a trinta minutos para fazer efeito. Ela se deitou e fechou os olhos. Eram quatro da tarde, e ela iria dormir por algumas horas para então acordar, pronta para mais uma reunião do Clube da Meia-noite. Era tudo o que tinha para esperar.

Antes de desmaiar, Ilonka rezou para sonhar com o Mestre.

E ele veio até ela mais tarde e lhe contou muitas coisas.

Mas era apenas um sonho. Talvez.



## CAPÍTULO 2

Foi Sandra Cross quem acordou Ilonka Pawluk, e não Anya Zimmerman. Os primeiros momentos de consciência de Ilonka foram desorientados. O quarto estava escuro, e ela não conseguia ver quem a sacudia, ou mesmo se era um ser humano. Além disso, não sentia como se tivesse retornado completamente para o corpo. Ilonka ainda estava caminhando às margens do Nilo, ao lado do sábio, sob as sombras das pirâmides – o sol era milhares de anos mais novo do que o sol que ela conhecia. Instintivamente, ela deu um tapa na mão que estava em seu braço, e só então escutou a voz de Sandra.

– Você batia na sua mãe todas as manhãs, quando ela ia acordar você para a escola? – perguntou Sandra, sua sombra indistinta sentando-se na cama, afastando-se de Ilonka. Ela não parecia aborrecida; Sandra nunca parecia aborrecida.

– Minha mãe nunca teve que me acordar – disse Ilonka, com o coração disparado. – Eu sempre estava de pé antes dela. Que horas são?

– Já é quase meia-noite, hora do *rock'n'roll*.